

1. Entre os itens que apresentaram maior alta nos preços, segundo o IPCA medido pelo IBGE no final de 2020, estão a batata-inglesa (alta de 67,3%) e o tomate (alta de 52,8%). Quais os principais fatores responsáveis pela alta desses dois produtos?

Tanto a batata como o tomate tiveram seus preços em 2020 superiores aos registrados durante 2019, segundo o IPCA medido pelo IBGE. O primeiro semestre foi marcado pelas medidas mais rígidas de isolamento social, para conter a pandemia, com suspensão de aulas e fechamento de bares e restaurantes, o que deslocou/diminuiu a demanda pelas hortaliças de modo geral. No segundo semestre, as altas de preços podem ser atribuídas aos reflexos do primeiro, bem como, também, à sazonalidade normal característico das hortaliças. Deve-se ressaltar que o grupo das hortaliças que menos teve reflexos negativos sobre as quantidades ofertadas nos mercados foi o que engloba as raízes, tubérculos e bulbos (como a batata), justamente em função da possibilidade de armazenamento por maior período de tempo desses produtos. Os grupos das hortaliças folhosas e das hortaliças fruto (como o tomate) foram os mais atingidos na sua disponibilidade de produto, pelo seu maior grau de perecibilidade.

Para a batata, deve-se frisar que o ano de 2019 transcorreu com preços, de maneira geral, em patamares baixos, sobretudo no período da safra das águas 2019/2020 (dezembro de 2019 a fevereiro/março de 2020). Assim, os preços desse produto vieram a recuperar-se já em meados do primeiro semestre. Quando se assiste a alta dos preços da batata, a partir de março de 2020, ela é provocada, sobretudo, pelo comportamento da oferta, cujo período é da característica transição de safra. A batata da safra das águas (2019/20) diminui sua participação no mercado e a entrada da batata da safra da seca é insuficiente para atender a demanda, provocando alta de preço. Para alta de preço do segundo semestre, a partir de outubro, a transição de safra também ocorre, refletindo nos níveis de oferta. Em setembro, o calor excessivo para a época acelerou o ritmo de colheita e provocou aumento expressivo da oferta, quando se deu o pico da safra de inverno. Assim, em outubro/novembro, a considerável redução da safra de inverno e a ainda ínfima presença da batata da safra das águas 2020/21, fizeram com que os preços tivessem alta até dezembro. Em dezembro de 2020, suas cotações nas Ceasas do país foram, na maioria dos casos, bastante superiores aos praticados em dezembro de 2019. O cenário atual para a batata é de intensificação de oferta a partir da safra das águas 2020/21, com tendência decrescente de preço, o que já vem ocorrendo na primeira quinzena de janeiro.

No caso do tomate, verifica-se alta de preço até março/abril de 2020, o que já havia ocorrido em 2019, ou seja, o movimento de alta é característico para a época. Essa alta, no início de 2020, ocorre depois de um período de

queda de preço no final de 2019, quando seus níveis estiveram nos mais baixos patamares dos últimos anos. Assim, o aumento de preço no início de 2020 pode ser considerada como recuperação dos níveis das cotações. Com a pandemia da Covid-19, na incerteza de absorção pelo mercado, o produtor de hortaliças, principalmente as mais perecíveis como o tomate, se mostraram inseguros quanto ao volume a ser disponibilizado no mercado para venda, inclusive com relatos de redução de área plantada, ocasionando altas e baixas constantes e até diárias nos preços do fruto. Assim, a indefinição de demanda e o receio do produtor em plantar, no primeiro semestre, quando o ritmo de semeadura diminuiu e em alguns períodos até paralisou para as hortaliças mais perecíveis, a oferta sofreu constantes diminuições, refletindo na alta nos preços. A partir de agosto/20, a tendência ascendente das cotações se impõe na maioria dos mercados, no entanto, esse período de alta de preço já sofreu reversão. Para janeiro, os preços do tomate podem apresentar queda, muito em função da intensificação da produção de verão. Vale lembrar que com as altas temperaturas desta época o produtor não consegue adiar sua colheita, pois a maturação do fruto é acelerada, elevando a oferta, o que muitas vezes pressiona ainda mais os preços para baixo. Por outro lado, as chuvas interferem no ritmo de colheita, podendo ocasionar reduções pontuais na oferta e pressão nos preços.

2. Além da batata e do tomate, as frutas tiveram uma alta significativa (+ 25,4%), além de outros gêneros hortifrutí. Quais fatores levaram à alta dos hortifrutí em geral?

Em relação às frutas, produtos com grande peso no cálculo do IPCA, como banana, laranja e maçã tiveram seus preços médios em 2020 maiores do que os observados em 2019.

No caso da banana, a oferta de nanica teve diversos problemas por causa de fatores climáticos nas principais regiões produtoras em 2020. Na região de Registro/SP (Vale do Ribeira), houve grande e intenso período de estiagem em boa parte do ano, que reduziu o pico produtivo da variedade que ocorre no primeiro semestre do ano. Houve seca no norte de Santa Catarina no começo do ano, granizo no segundo semestre e um ciclone “bomba” no fim de junho, que derrubou bananais e prejudicou a produtividade. Entretanto, o preço não aumentou tanto por causa da concorrência com a variedade prata e da pandemia de Covid-19, que afetou outros nichos consumidores (escolas, restaurantes) e deixou o mercado mais cauteloso a aumentos expressivos nos valores. Já a banana prata teve um pico de colheita em outubro, por causa do calor excessivo que provocou amadurecimento precoce em bananais mineiros e baianos, principalmente, assim, naquele mês o preço caiu, vindo a subir novamente nos meses seguintes com a normalização da oferta. Para ambas as variedades de banana houve aumento dos preços dos insumos e defensivos agrícolas (encareceram com a desvalorização cambial), limitando a rentabilidade.

Para a laranja, a sua menor produção na safra atual no cinturão citrícola junto à demanda aquecida da indústria fez com que sobrasse menos laranja para o varejo. Assim, com a menor oferta de laranjas de qualidade (principalmente da variedade pera) por causa da menor safra colhida e das chuvas abaixo da média no segundo semestre os preços tenderam a subir tanto no atacado, quanto nas gôndolas dos mercados, pois as laranjas que poderiam suprir o mercado a contento estiveram aquém da quantidade necessária para tanto. Para o ano que vem a perspectiva é que novamente não haja uma grande safra de laranjas, pois o tempo seco prejudicou a abertura e o pegamento das floradas. Sendo assim, além de laranjas em menor quantidade, podemos ter muitas frutas de menores calibres e até mesmo com aparência murcha, e como a demanda da indústria produtora de suco continuará a pleno vapor, os preços tendem a não arrefecerem.

Em relação a maçã, com a quebra de safra da maçã fuji e a desvalorização cambial, ficaram atrativos os envios para o exterior, tanto é que o volume destinado ao mercado externos nesse ano foi mais de 10% maior em relação a 2019. Além disso, principalmente, a quebra de safra fez com que a oferta fosse bem menor e os classificadores puderam controlar melhor os estoques de maçã via utilização de câmaras frias. Assim, nota-se uma curva ascendente de preços a partir do meio do ano: a oferta ia cada vez mais sendo diminuída e a demanda não dava sinais de arrefecimento. Quando dava esse sinal, a queda era menor do que a queda da oferta, principalmente das maçãs graúdas, bem quistas pelo consumidor. Então, as maçãs miúdas, mais baratas do que as graúdas ocuparam o mercado, mas também tiveram, nesse período, um nível elevado de cotações.

3. Para 2021, a tendência é que os preços dos hortifruti se mantenham como ficaram em 2020 ou pode ser que sofram variação, para cima ou para baixo?

Questão respondida ao longo das análises anteriores. O movimento de preços das principais hortaliças e frutas em 2021 responderá à sazonalidade, característica de cada cultura, aos níveis de demanda, bem como às condições climáticas. Assim, esse conjunto de fatores ditará a oferta e, conseqüentemente, as oscilações de preços.